

Heloisa Buarque de Hollanda fala sobre 'ENTER'

Em teclados de computadores, a tecla ENTER leva um comando, ou uma a linha de comandos, a operar sua função *default*. Ou seja, ENTER dá início a um processo, equivalendo assim a um OK. No *design* de alguns teclados, a tecla ENTER aparece como RETURN, com uma seta apontando para baixo e para a esquerda, e geralmente exerce a mesma função de ENTER. Em alguns programas, trabalha como um comando de cursor, servindo para mudar de linha ou abrir um novo parágrafo. Apesar de pequenas variações, dependendo da configuração de diferentes sistemas operacionais, programas e comandos, ENTER, invariavelmente, cumpre a função de levar seu usuário a uma nova lógica / linguagem / espaço, ou mesmo, simplesmente, a um novo parágrafo. É uma tecla usada também em calculadoras, caixas eletrônicas, leitores de cartão de crédito e games. Como expressão, ENTER, foi usada como título de CDs (como nos álbuns *Within Temptation* de 1997 e *Russian Circles* de 2006) e como nome de inúmeras revistas de informática nos USA, Finlândia, Polônia, Croácia e Macedônia. Foi usada também numa excepcional coreografia de Carmen Luz para a Cia Étnica de Dança, que traz para a linguagem do corpo todas as possíveis significações inaugurais de ENTER.

A escolha do título desta antologia foi sugerida pela aventura que oferece a tecla ENTER, mas, antes de mais nada, é uma citação e uma homenagem à Carmen.

Hoje tenho a convicção de que, para pensar a literatura hospedada na internet, é absolutamente imprescindível que se pressione a tecla ENTER, ou seja, se aceite o rito de passagem que é entrar em outra lógica de percepção, experimentar novas relações com a palavra, com a comunidade de autores, com a idéia de literatura e de crítica literária, com as idiossincrasias e paixões da vida literária na web.

Um primeiro susto que se leva mergulhando no universo digital e no ambiente da internet é a evidência da explosão da palavra, em todas as suas formas, dicções, gramáticas, sintaxes. Diante do assédio dos fluxos de

informação e da popularização das tecnologias digitais, a resposta é a atual desenvoltura da palavra que avança segura neste novo espaço público e sua disseminação geopolítica. Ela vem discreta como a mídia primeira dos blogs - pessoais e literários -, e logo se expande, sem aviso prévio, por práticas literárias que inovam remixando linguagens, gêneros e suportes. É a palavra rimada, a poesia na prosa, na dicção cotidiana, a prosa na música, a qualidade indiscutível das novelas gráficas, a palavra agilizada no dialeto dos blogs, *orkuts*, emails. A palavra pirateada, hackeada, explorando as novas possibilidades tecnológicas dos *ipods* e *podcasts*, buscando a expressão visual, as formas dramatizadas, trabalhando fronteiras imprecisas, expandindo seu potencial de arte pública. Seguramente, Umberto Eco não exagera quando anuncia a chegada do século da palavra, fechando de uma vez por todas o domínio da imagem que marcou o século XX.

Antes de tudo, vamos tentar resolver um problema para poder ir em frente. A disseminação do uso da internet, inclusive por parte dos escritores, trouxe consigo uma polêmica a respeito do receio (nem tão novo assim) de que a literatura e o livro estivessem com seus dias contados. O livro se tornaria um suporte obsoleto, perdendo seu efeito mágico e quase sagrado, e a literatura seu espaço de excelência diante de uma provável contaminação com as atuais práticas de escrita "corrompidas" e com o impacto dos efeitos danosos das mídias eletrônicas. Esse problema é muito interessante, não exatamente por sua importância crítica, mas pela clareza dos sintomas de um temor ancestral de possíveis catástrofes que possam advir com a chegada de novas tecnologias. Cito novamente Umberto Eco, que, pensando, numa já clássica palestra sobre o futuro do livro, observa a recorrência histórica deste temor e traça, com rigor arqueológico, sua longa e sofrida história. Escolho, à título de exemplo, apenas um desses momentos: a invenção da escrita. Lembra Eco, que diante da notícia do surgimento dessa técnica desconhecida, a discussão foi acirrada. Motivo: o uso da escrita comprometeria frontalmente a capacidade de memorizar, vital para o ser humano. A memória não treinada, tornando-se agora dependente de um recurso externo, terminaria por afetar

diretamente o poder e mesmo a capacidade criativa da mente humana. Resultado não previsto: a proliferação dos livros tornou-se um estímulo poderoso para o pensamento e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da memória.

Este é apenas um dos exemplos dessa história repetitiva e quase imutável. Portanto, não vou me deter nesse assunto aqui. Quanto à outra pergunta que não se cala no panorama da crítica literária, aquela sobre a decadência das formas literárias na internet, também não vou desenvolver aqui, mais ou menos pelo mesmo motivo da anterior. Para simplificar e não enfrentar essa questão que, em si, tem inegável interesse crítico e teórico, proponho que chamemos de **literatura** aquela produção textual conhecido por seu padrão canônico e de **práticas literárias** aquelas outras formas de expressão verbal ou escrita que hoje se expandem na web e fora dela com grande força e criatividade. Fica mais fácil.

Vou com calma, começando pelo suposto começo, o blog. O blog é uma forma relativamente recente de prática da escrita. Segundo a insegura fonte da Wikipédia, o blog, - que ainda não se chamava tecnicamente assim -, surgiu em 1993, criado por Glen Barry, para ser um instrumento da campanha de proteção e educação ambiental intitulada "Forest Protection Blog". Foi rápido. Quatro anos mais tarde, em 1997, o blog passa a ser identificado como uma ferramenta de publicação de uso corrente, e já em 1999 havia invadido a rede, em usos jornalísticos, políticos, médicos, como diários *online* ou mesmo como simples espaço de postagem pessoal. Essa historinha, talvez nem tão exata assim, traz uma informação importante: o blog surge como instrumento de campanha, utilizando uma ferramenta que permite traçar caminhos de conexão com outros blogs, facilitando e estimulando a atuação em rede. Hoje, a popularidade dos blogs é indiscutível e não é raro encontrar, na academia, linhas de pesquisa sobre o blog em cursos como design, ciências cognitivas, artes visuais, literatura, direitos autorais, relações de gênero e outras tantas. Palavras como blogosfera, frog (blogs com nomes falsos) ou moblog (pelo celular) são já de uso corrente. Portanto o blog chegou para ficar (se é que isso pode ser

dito em assuntos de web) e os escritores & simpatizantes bem cedo perceberam isso.

Não estou restringindo, de forma alguma, a literatura encontrada na rede como filiada ou mesmo ligada ao blog. A dinâmica na web é fascinante, exatamente porque consegue abrigar e potencializar um sem número de práticas literárias diversificadas, incluindo-se aí a literatura, como é tradicionalmente definida com seus critérios de valores, qualidade, permanência e fundada na legitimidade da função autor. Essa literatura também circula livremente na rede e beneficia-se, sem dúvida, de uma visibilidade e facilidade de acesso só permitida pela natureza relativamente aberta e descentralizada da web.

Mas quero também chamar atenção para as outras formas de expressão e uso da palavra desenvolvida especificamente a partir desse ambiente ou marcada pela experiência dos novos processos cognitivos e de percepção que caracteriza, em grande parte, a geração de autores que começa a produzir a partir de meados dos anos 90.

Volto ao blog, a prática fundacional, que junto com o email e as redes sociais como *Orkut*, *My Space*, *Facebook* e outras, definiram novas dinâmicas de comportamento e relacionamento através do uso da palavra. O sentido de campanha, que inaugura o blog, permite e estimula a invenção de novas estratégias de divulgação intensiva da escrita e, sobretudo, de criação de novos públicos leitores.

Tudo indica que a *era da gaveta* está definitivamente enterrada. O escritor que guardava seu texto sem perspectiva de publicação, e ia à luta em busca de um crítico ou autor de renome que legitimasse seu trabalho e, quem sabe, até o encaminhasse para alguma editora, já vai longe no tempo. O novo autor, agora com a grande janela *www* à sua disposição, posta seu texto frequentemente ainda em versão preliminar e o disponibiliza para um público amplo e diversificado, incluindo-se aqui, com alguma sorte, o tão sonhado editor.

Nesse ponto, passo à segunda sugestão do formato blog que é o sentido de rede. O potencial de atuação em rede, o grande segredo da internet, leva, no campo das letras, às novas formas de produção, consumo, troca e interlocução entre escritores ou usuários da palavra e seus leitores. É neste sentido que Giselle Beiguelman, em *O livro depois do livro*, insiste na idéia de que a tela do computador não pode ser vista apenas como um novo suporte da leitura, mas que essa tela é, sobretudo, uma **interface** onde cada leitor torna-se um editor em potencial.

É nesse novo panorama, que se desenvolvem rapidamente as formas de criação colaborativa e de autoria compartilhada, o fenômeno mais impactante do cenário cultural dos dias de hoje. Ainda é neste quadro que começam surgir novos formatos de crítica não profissional, cada vez mais evidente na internet. É a crítica opinativa, colaborativa, irritada, uma crítica que, antes de qualquer coisa, expressa de forma clara e direta a reação e as predileções do leitor, uma categoria que ainda não havia ganhado voz e visibilidade. As respostas e reações do leitor, até bem pouco tempo, só possibilitava uma avaliação quantitativa (o número de vendas) da recepção de um texto, raramente sua avaliação qualitativa, agora disponível, em cena aberta, na web. Um estudo cuidadoso da palavra deste leitor/crítico está para ser feito e se oferece como altamente necessário.

Por outro lado, dentro e fora da rede, a proliferação de comunidades nesse início de século parece ser um imperativo. Zygmunt Bauman, no livro *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*, avalia a intensificação das dinâmicas comunitárias hoje, como uma estratégia de quase-sobrevivência diante da tensão contemporânea entre segurança e liberdade. No caso das comunidades em redes e blogs, os efeitos colaterais não são menos importantes, estimulando a troca e a interlocução contínua entre pares, definindo novos sentidos de pertencimento e novas políticas de criação.

Os traços que podemos perceber na produção literária ligada aos blogs, seja no caso do escritor-blogueiro ou no

do blogueiro-escritor, são vários e confirmam a hipótese de que nem o blog, nem as redes sociais, são apenas uma mídia.

Em primeiro lugar, o ambiente onde esta escrita se dá, é substancialmente diverso daquele da criação literária ou mesmo da escrita de cartas e diários pessoais. A concentração e a situação de privacidade ou mesmo de intimidade que é, em princípio, o ambiente da escrita fora da web, passa a ser substituído por um cenário líquido, descentralizado, que recebe múltiplos inputs simultâneos, é atravessado por fluxos de informação e comunicação em alta velocidade e é experimentado como um espaço público, de auto-exposição, interlocução e confrontação.

Na escrita *online*, chamam atenção, de imediato, alguns fatores curiosos. Em primeiro lugar, os efeitos de pluridimensionalidade, resultado das formas inéditas de recepção e de atenção geradas pelos impulsos e fluxos simultâneos que caracterizam a experiência na rede. Nesta direção, percebe-se ainda outro traço nada desprezível. É o deslizar do ambiente da web para fora dela sem solução de continuidade, um fenômeno de vivência quase simultânea de ambientes distintos, que Beiguelman chama de *cibridismo*. Ou seja, a interpenetração de redes *online* e *off-line*, que incorpora e recicla os mecanismos de escrita e leitura já instituídos.

Em segundo, a vivência da presença virtual de um leitor que influencia de forma significativa o ato criador, acompanhado da falta de limites nítidos entre o trabalho literário e a escrita pessoal. Vivência essa que pode ser facilmente percebida especialmente nos blogs (mas também nos textos em papel) denunciando um vínculo bastante específico entre a experiência orgânica e privada do autor e seu trabalho propriamente textual. Na linguagem dos estudiosos do blog, são os *escribitionists*, aqueles autores que experimentam a escrita num espaço abertamente público e tiram daí efeitos propriamente literários.

A consciência desta exposição talvez seja a grande responsável por um dos traços mais atraentes desta nova geração de escritores. Falo da auto-ironia óbvia e

constante que se desdobra num trabalho extremamente original de dicção crítica e ácida. É como se fosse a ficcionalização da *persona* do escritor, exercício comum na escrita de blogs, chats e comunidades virtuais.

Outra característica importante das novas práticas textuais é a inédita facilidade da passagem de um gênero a outro, de uma textualidade a uma dicção de intensa visualidade ou sonoridade, da cada vez mais freqüente experimentação no terreno fértil da convergência de mídias que marca as criações em base digital. Marcelino Freire, com a propriedade que lhe caracteriza, diz que trabalha seu texto com *gambiarra*, procurando definir a confortável naturalidade do atual deslizar entre formas e formatos textuais. A gambiarra, para quem não conhece, é, originalmente, uma espécie de artifício improvisado para a ligação de fios e correntes elétricas. Uma artimanha rápida e fácil. Esse deslizar na obra de Marcelino e tantos outros é particularmente belo e bastante freqüente na literatura jovem hoje. O deslizar ou surfar (o oposto de confrontar e aderir) entre gêneros, linguagens, suportes e mídias, pode ser definido também como a expressão textual das formas de subjetividade mais fluidas ou expandidas que o atual contexto criativo permite e estimula.

Foi assim, cheia de surpresas e hipóteses, que iniciei meu trabalho para a realização de ENTER. Foram necessárias algumas decisões de caráter conceitual e afetivo para formatar esse projeto. Assim mesmo não me senti suficientemente confortável diante de uma produção tão extensa e provocadora. Tomei duas providências iniciais. A primeira foi assumir uma flexibilização razoavelmente convicta em relação à idéia de literatura. Ainda que respeitando e admirando a literatura em seu sentido mais tradicional, não pude ficar imune à evidente expansão da palavra e da multiplicidade de usos e experimentações com a palavra que crescem hoje em proporção geométrica. Considerei então como matéria de exame, todas as formas de literatura praticada na web, muitas vezes excessiva e desigual, mas sempre a expressão de uma geração comprometida com a criação compartilhada, com a velocidade dos *posts* e com a

expansão das fronteiras da palavra. Considerarei a palavra escrita, a palavra contemplada, a palavra de ouvido, a palavra cantada.

A segunda providência foi a estabelecer uma forma de curadoria compartilhada, como me sugeriu minhas incursões pela rede. Assim trabalhei em conjunto com Ramon Mello (na realidade, meu parceiro nesta viagem), Cecília Giannetti, Bruna Beber e Omar Salomão. Juntos, discutimos o que seria cabível considerar, pensando nas inúmeras formas e usos da palavra na rede. Juntos, pensamos em nomes para essa seleção. Juntos, resolvemos explorar nesse trabalho as possibilidades que a web oferece como a animação de textos, o uso de som, vídeo, remixagens. Propusemos aos autores que não apenas criassem textos, mas que também retrabalhassem seus textos em grafismos, podcasts, *videocasts*. Procuramos, juntos, criar um ambiente que permita ao leitor navegar nas letras e no talento dos novos criadores em base digital. Procuramos, sobretudo, oferecer uma oportunidade de descoberta do prazer da palavra no ambiente *www*.

Eu assumo o ônus de ter feito sozinha a seleção final dos participantes e de ter tomado a decisão sobre conceito final deste projeto, um *soft book*, que pode ser ampliado, reduzido, retificado ou reescrito a qualquer momento. Assumo também a certeza de que não existe tal coisa como uma literatura de internet. Mas que existe sim, um novo ambiente, com um horizonte de possibilidades de expressão inéditas, ainda com frágeis limites de governança, que afeta diretamente e de forma irreversível nossa forma de pensar, criar, ver, significar. **ENTER**".

Heloisa Buarque de Hollanda, agosto de 2009.